CAPÍTULO I

*N*unca mais recomendei a ninguém. É uma viagem extremamen­te extenuante, eu achei tudo uma aventura, mas, quando as pessoas perguntam se eu aconselho, eu não recomendo.

As palavras dançavam ao som do falar espaçado daquela mu­lher vivida, que voltava a ser uma adolescente de 25 anos ao re­cordar sua história.A cada momento, seus olhos cor de caramelo viajavam meia lua acima, como se resgatassem algo oculto dentro da memória guardada em seus pensamentos.

Era verão de 1982, uma colega minha, colega de escola, havia feito essa viagem nas férias de julho e trouxe fotos admiráveis. Em janeiro, convidei minhas quatro melhores amigas para fazer a viagem.

E ela, mais suas colegas de vinte e poucos anos, embarcaram com destino aos deslumbramentos de tais fotografias.

Saímos daqui de São Paulo, da Estação da Luz, num trem de segunda classe com destino à cidade de Bauru. Foi esplêndido, o trem era confortável como deveria ser uma primeira classe, naquele momento, pensei ter feito um negócio extremamente promissor, por um preço cabível.

Maria Ângela, hoje professora de uma escola estadual infantil na zona sul de São Paulo, ainda vestia seu avental de cor branca, combinação usada durante o período em que lecionava.Na sala de professores, a mesa coberta por uma toalha de plástico quadricula­da em vermelho e branco servia como apoio para os dedos de Maria que tocavam uma canção ao ritmo do abrolhar de suas lembranças.

Ela trazia falar tranquilo, sereno, cheio de entonações e períodos de silêncio enquanto a mente trabalhava para alcançar o passado.

Incontornavelmente, chegamos a Bauru e trocamos de composi­ção. De maneira funesta, as coisas começaram a piorar.

E ao pronunciar essa frase, suas rugas na testa de pele alva expuseram a intensidade com que aquelas palavras deveriam ser compreendidas.

Inclinando a cabeça para o lado e voltando sua atenção aos qua­dradinhos brancos e vermelhos da toalha de plástico, Maria não preci­sava de fala para proferir a terribilidade da viagem até Corumbá.

Sua primeira impressão fora enganosa, e, naquele ponto, os infortúnios começaram a surgir.

O segundo trem já não era confortável, sentamo-nos em bancos duros de madeira como os que eu via em jardins de praças. No vagão não havia assaz sujeitos, todavia, motins de sombras caminhavam pelo espaço durante as trevas noturnas da madruga­da, de um lado a outro, sombras transpunham, em ruídos compas­sados de seus passos e tropeços ao longo da escuridão. Algumas das minhas colegas pegaram no sono, mas não eu.

Às onze horas e quarenta e cinco minutos da manhã o sinal de fim de aula da escola soou.Ruído que a fez riscar três vincos na fronte inclinada.E deu lugar, novamente, à garota de vinte e cinco anos de 1982.Seus dedos tornaram a pontilhar o xadrez vermelho e branco da toalha de plástico.

Ao chegar à Corumbá foi um deleite. Tomamos um banho após as mais de dez horas de viagem e degustamos um peixe formidável. Dormimos numa cama super simples, ‘mas que prazeroso tomar aquele banho e dormir naquela cama!’.

Sua expressão era de como se pudesse ressentir a satisfação do sono dormido após as contínuas horas despertas. Alguns minutos emudecida, em representação às horas de descanso, e então, vocá­bulos firmes e concisos continuaram a revelar sua história.

Na manhã seguinte, por volta das 10 horas, pegamos um ônibus até a fronteira entre o Brasil e a Bolívia, horas antes de ingressarmos no “Trem da Morte”.

As palavras trouxeram de volta as três marcas acima dos seus olhos, contudo, dessa vez, seu olhar caramelo estava penetrante e estático.

Acreditava já ter vivido o pior, todavia, não. Do lado brasileiro a segunda classe do trem era excessivamente desconfortável, porém, era segura, os trilhos eram seguros, você não via a vegetação tão de perto, pois eles afastaram a floresta da linha do trem.

No entanto, no “Trem da Morte”, quando entrei foi um choque e entendi o porquê de seu nome. Não havia lugar fixo, havia poltro­nas, mas todas sem numeração, você entrava e sentava aonde desse. O número de passagens vendidas era superior à lotação dos vagões. As pessoas se acomodavam como podiam, faziam revezamento, via­javam em pé ou sentadas nos braços da poltrona.

As duas circunferências caramelo expressaram as trinta e seis horas de viagem as quais as cinco garotas enfrentaram.

...

**-** Eu tenho uma amiga que viajou em 1982 - disse Clarissa há uma semana.- Ela trabalha comigo em uma escola de educação infantil na zona sul da cidade.

Em uma lanchonete próxima ao metrô São Judas, Clarissa es­tava sentada com todo o seu material escolar esparramado por três mesas de mármore cinza, comia uma fogazza de frango e tomava um refresco cor de laranja de maneira apressada, como se estivesse atrasada para qualquer evento importante.

Contudo não, a velocidade excessiva fazia parte da sua per­sonalidade.Cabelos negros e lisos, olhos orientais puxados cor de jabuticaba e pele clara como o leite.Seus músculos pareciam estar ligados à eletricidade de alta voltagem.

No fim de 2007, fui de carro com alguns amigos até Corum­bá. Era eu e mais sete companheiros. Antes de ir, conversei com uma pessoa pela internet, eu ia sozinha, mas fiquei receosa por esse nome “Trem da Morte”, no fim, alguns chegados resolveram me acompanhar.

Chegamos à Corumbá, passamos somente uma noite e parti­mos no dia seguinte.

Seu falar era agitado, fazia as últimas sílabas se perderem nas primeiras das palavras seguintes, enquanto a respiração era forçada a ser feita em menos de segundos, para que o ritmo não se quebrasse.

Clarissa cuspia palavras, ao mesmo tempo em que gesticulava e lembrava-se de mais e mais detalhes de sua história para contar, a voz não acompanhava a vontade e a chegada de novas lembranças.

Conheci alguém que fazia as coisas acontecerem mais rápido, com­prava as passagens para o “Trem da Morte” e organizava toda a logís­tica. O que foi ótimo, pois havia gente que fica de três a quatro dias em

- Eu tenho uma amiga que viajou em 1982 - disse Clarissa há uma semana.- Ela trabalha comigo em uma escola de educação infantil na zona sul da cidade.

Em uma lanchonete próxima ao metrô São Judas, Clarissa es­tava sentada com todo o seu material escolar esparramado por três mesas de mármore cinza, comia uma fogazza de frango e tomava um refresco cor de laranja de maneira apressada, como se estivesse atrasada para qualquer evento importante.

Contudo não, a velocidade excessiva fazia parte da sua per­sonalidade.Cabelos negros e lisos, olhos orientais puxados cor de jabuticaba e pele clara como o leite.Seus músculos pareciam estar ligados à eletricidade de alta voltagem.

No fim de 2007, fui de carro com alguns amigos até Corum­bá. Era eu e mais sete companheiros. Antes de ir, conversei com uma pessoa pela internet, eu ia sozinha, mas fiquei receosa por esse nome “Trem da Morte”, no fim, alguns chegados resolveram me acompanhar.

Chegamos à Corumbá, passamos somente uma noite e parti­mos no dia seguinte.

Seu falar era agitado, fazia as últimas sílabas se perderem nas primeiras das palavras seguintes, enquanto a respiração era forçada a ser feita em menos de segundos, para que o ritmo não se quebrasse.

Clarissa cuspia palavras, ao mesmo tempo em que gesticulava e lembrava-se de mais e mais detalhes de sua história para contar, a voz não acompanhava a vontade e a chegada de novas lembranças.

Conheci alguém que fazia as coisas acontecerem mais rápido, com­prava as passagens para o “Trem da Morte” e organizava toda a logís­tica. O que foi ótimo, pois havia gente que fica de três a quatro dias em Corumbá sem conseguir o bilhete, já que há um número razoável de bolivianos a fazer a travessia para o Brasil, a maioria a trabalho.

Sabendo disso, entrei em contato com esse rapaz, quem organi­zou os trâmites da viagem, seu trabalho era comprar a passagem e reservar um hotel, serviço pelo qual cobrava uma indiferente taxa.

Era final de tarde e o sol já se punha no horizonte visto pela janela de vidros fumês da lanchonete.O vento noturno ultrapassa­va a pequena fresta do entreaberto da vidraça e provocava arrepios ao longo da espinha.

- A Bolívia é o país mais pobre do continente americano, um país que sofreu com a exploração no processo de colonização espa­nhola - disse Clarissa em tom desmotivado, comparado à energia de sua fala costumeira.

A história que eu ouvi sobre o “Trem da Morte” falava de as­saltos dentro do trem e de forasteiros que andavam em cima dos vagões. Também ouvi que como os trilhos passam por dentro do pantanal em velocidade lenta, oferecia grande perigo.

Para mim, a viagem foi sereníssima, em meio a uma paisagem deslumbrante. Está certo que o banheiro era composto apenas de um buraco de onde se podia ver os trilhos ferroviários, por isso, não o usei durante as mais de vinte horas de viagem.

Os olhos compridos cor de jabuticaba estavam ao mesmo tem­po fixos e concentrados em um ponto distante, como se passasse um filme na sua frente formado por cenas de suas memórias.

Ela se emocionava e sorria, enquanto apontava para suas vi­sões imaginárias.

Na Bolívia, não ouvi falar sobre o “Trem da Morte”, somente de brasileiros, de bolivianos, não. O máximo que ouvi de um boliviano sobre o trem foi o conselho para não ficar muito pró­xima à janela, pois enquanto as pessoas estavam vendendo seus produtos, o trem andava devagarzinho e alguém podia puxar a minha bolsa.

Ainda concentrada em seu filme, a expressão de Clarissa tor­nou-se mais relaxada, como se as cenas de suspense tivessem dado espaço à monotonia.

Optamos pelo vagão de classe intermediária, nem o popular que tem os bancos de couro árduo, tampouco o de luxo de preço um tanto superior.

De volta à ação, as jabuticabas cortadas pelo formato dos olhos de Clarissa se tornavam maiores.

Pessoas vendiam salgados o tempo inteiro, você ali dentro fi­cava sem opção, então, passavam ambulantes vendendo comidas, frutas e refrescos, tudo, claro, sem higiene alguma.

A salada de frutas era armazenada em um balde no qual os vendedores enfiavam um copo plástico , depois de cheio, entrega­vam-no ao cliente. O mesmo era com a limonada. Ou,então, traziam água e limonada em garrafas de refrigerante reaproveitadas, enchi­das por eles mesmos.

Como se a tela de cinema fictícia à sua frente fosse desligada, o olhar de Clarissa deixou de se focar em qualquer ponto fixo e foi tomado por expressão desmotivada.

- É aí em que se torna perceptível a estrutura do lugar – comen­tou sobre os trabalhadores do trem.

Transitavam com assados em travessas gigantes, eu nem sabia aonde a pessoa havia colocado a mão e ela pegava a empanada sem guardanapo e entregava ao cliente, não havia papel.